



SOBRE LITERATURA MENOR: A ESCRITA DE DIAMELA ELTIT

ON MINOR LITERATURE: THE WRITTEN BY DIAMELA ELTIT


Mariana de ALMEIDA*

 <https://orcid.org/0000-0002-0111-0864>
UNICENTRO

Nincia Cecilia Ribas Borges TEIXEIRA**

 <https://orcid.org/0000-0002-5719-7364>
UNICENTRO

Leticia Barros SOARES***

 <https://orcid.org/0009-0004-2545-9544>
UNICENTRO

Recebido em 30/07/23. Aceito em 01/10/23

Resumo: Por muito tempo, o cânone literário ditava as regras dentro da literatura, espaço que era ocupado majoritariamente por homens brancos. A partir dos Estudos Culturais - que surgem através do CCCS (Centre for Contemporary Cultural Studies), observando a relação da sociedade e cultura e as mudanças sociais, segundo Escosteguy (2006), a partir dos considerados “pais fundadores” Raymond Williams, E. P. Thompson e Richard Hoggart -, tem sido possível abrir espaço para literaturas escritas por outra parte da população, como por exemplo as mulheres, e assim podemos hoje estudar a escrita de Diamela Eltit. A autora fala sobre minorias marginalizadas sob o ponto de vista de alguém que viveu a ditadura do Chile sendo parte de um coletivo que atuou fortemente contra a violência e a opressão do período ditatorial, tendo escrito e publicado seu primeiro romance nessa época. A partir disso, falaremos aqui sobre a escrita de Diamela Eltit e sobre como ela se insere no mundo literário como uma literatura menor, a partir de autores como Deleuze e Guattari (1975) e Lértora (1993), para que seja possível analisar como a literatura de Diamela se

* Mestranda em Letras pela UNICENTRO, pesquisa temas relacionados aos Estudos Culturais e Literatura Latino-Americana. Possui graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda. É graduanda em Letras Português-Inglês e Jornalismo. Atua principalmente na área dos estudos de gênero, identidade e maiorias minorizadas. Tem experiência com comunicação política e de ações sociais, atuando junto a coletivos, organizações, comunidades indígenas, sindicatos e partidos políticos em todo o Paraná.

** Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, pós-doutorado em Ciência da Literatura pela UFRJ. Professora Associada da Universidade Estadual do Centro Oeste e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Coordenadora do Laboratório de Estudos Culturais, identidades e representação (LABECIR-UNICENTRO). Suas pesquisas giram em torno de estudos de gênero, literatura brasileira, universo feminino, Estudos Culturais e autoria feminina na literatura, arte e mídia. Diretora de Cultura da UNICENTRO e Membro do Conselho Municipal de Cultura de Guarapuava-PR.

*** Mestranda em Letras pela UNIOESTE.

insere nesse conceito de literatura menor e como os marcadores de sua escrita coincidem com as características das literaturas menores.

Palavras-chave: Literatura menor. Diamela Eltit. Estudos Culturais. Minorias marginalizadas. Literatura Chilena.

Abstract: For a long time, the literary canon dictated the rules within literature, space that was mostly occupied by white men. From Cultural Studies - that emerge through the CCCS (Centre for Contemporary Cultural Studies), observing the relationship between society and culture and social changes, according to Escosteguy (2006), from the considered “founding fathers” Raymond Williams, E. P. Thompson and Richard Hoggart -, it has been possible to make room for literatures written by another part of the population, such as women, and so we can now study the writing of Diamela Eltit. The author writes about marginalized minorities from the point of view of someone who lived through the dictatorship of Chile being part of a collective that acted strongly against the dictatorial period, having written and published her first novel at that time. From this, we will talk about the writing of Diamela Eltit and about how it inserts itself into the literary world as a minor literature, from authors such as Deleuze and Guattari (1975) and Lértora (1993), so that it is possible to analyze how Diamela’s literature fits into this concept of minor literature and how the markers of her writing coincide with the characteristics of the minor literatures.

Keywords: Minor literature. Diamela Eltit. Cultural Studies. Marginalized minorities. Chilean Literature.

A violência e a marginalização nos textos de Diamela Eltit

Eu estou interessada em qualquer coisa que é contra a natureza do poder, ou seja, a alteridade. (Diamela Eltit)

Segundo Deleuze & Guattari, em *Por uma Literatura Menor* (1975), quando falamos em literatura menor não estamos falando sobre literaturas que importam menos ou que existem em menor quantidade. Estamos falando sobre a literatura que possui menor visibilidade e que por muito tempo esteve à sombra da crítica e do público. Essa literatura se caracteriza, entre outras, por romper com o estereótipo de herói e nos apresentar personagens comuns como protagonistas de suas histórias. Segundo os autores, “a literatura menor é totalmente diferente: seu espaço exíguo faz com que cada caso individual seja imediatamente ligado à política” (DELEUZE & GUATTARI, 1975, p. 26), diferindo das literaturas maiores em que o individual se mostra mais importante e o ambiente é apenas pano de fundo.

O redimensionamento da língua nas literaturas menores é também uma forte característica, pois é uma linguagem criativa e experimental, que ultrapassa a esfera individual vista nas grandes literaturas. As produções da margem, por muito tempo desvalorizadas, ganham espaço e possibilitam dar voz aos discursos não-oficiais, pois “tudo que foge a esse propósito é percebido como manifestação “menor”, uma inadequação às grandes obras selecionadas por uma utópica noção de consenso, um desvio em relação a modelos que se tornam inquestionáveis” (BATALHA, 2013, p. 117, aspas originais).

Ainda segundo Batalha (2013, p. 115), “construir a consciência de minoria é desviar do padrão, extrapolar o critério de medida já conhecido”, na ausência de cânones ou qualquer visão tradicionalista. Além disso, conforme Deleuze & Guattari (1975), as literaturas não são por si só menores, mas isso caracteriza as condições nas quais elas foram escritas dentro de um ambiente de literaturas maiores (ou estabelecidas). A partir desse conceito, emergem as literaturas escritas pelas margens, principalmente no cenário contemporâneo.

É impossível pensarmos a literatura contemporânea sem considerar o papel do texto literário e o conjunto de problemas que transparecem na escrita. Além disso, é impossível pensarmos a literatura contemporânea sem levarmos em conta a literatura produzida por mulheres. Há um espaço bem demarcado que as literaturas de autoria feminina ocupam, e são esses textos que, frequentemente, tratam sobre temas do cotidiano e sobre ações que impactam diretamente a vida da mulher. Esses textos têm marcadores visíveis de condições sociais as quais as mulheres enfrentam e são espaço para denúncia dessa situação, sendo a literatura uma ferramenta de luta das mulheres.

É a partir disso que escolhemos a literatura de Diamela Eltit como objeto de análise deste artigo, mais especificamente o romance *Forças Especiais* (2021). Como objetivos, devemos analisar como a literatura de Diamela pode ser lida a partir do conceito de literatura menor e como os marcadores de sua escrita coincidem com as características das literaturas menores, como são propostas por Deleuze e Guattari (1975), Lértora (1993), hooks (2019), entre outros que contribuem para esse campo de estudos.

Diamela trabalha com, entre outros temas, a violência evidenciada em seus livros. A exemplo, em *Forças Especiais* (2021), a violência policial é quem dita as regras cotidianas dos moradores de um conjunto de blocos habitacionais no Chile. Conhecemos, a partir do ponto de vista da narradora sem nome, como é a funcionalidade desse conjunto de blocos sitiado pelas forças especiais da polícia.

O texto traz a realidade da periferia chilena. Ainda vivendo sob os destroços da ditadura, o Chile possui marcas da destruição física e psicológica do período de governo de Augusto Pinochet, que perdurou de 1973 até 1990. A América Latina, num geral, sofre com essas marcas de governos ditatoriais mesmo nesse período pós-ditadura, de formas diferentes, mas forçando o outro¹ a viver em um espaço social marginalizado e precário.

De reis a súditos, de senhores a servos, de governantes a governados, a crença de que não há outra existência social fora desses binarismos se solidifica no imaginário popular. Dentro desse esquema, a interferência militar se constituiu em uma das principais formas de repressão e coerção na América Latina ao longo do século XX. (PÁDUA, 2009, p. 32)

A América Latina tem sua história construída pelas ditaduras. Elas existiram durante a segunda metade do sec. XX em diversos países que lutam até hoje contra as marcas deixadas por esse período. Como podemos ver a seguir:

É importante esclarecer que, em governos ditatoriais, o monitoramento constante da população é uma das bases de sustentação do regime autoritário.

¹ Aqui, esse outro é lido como o cidadão relegado à marginalidade, que não detém o poder na sociedade contemporânea.

Quando se fala em “sistemas de inteligência”, ou “serviço de informações”, trata-se de atividades, como coleta de dados pessoais, realizadas a serviço do Estado. A utilização dessas informações, dentro dos regimes autoritários que abordaremos mais à frente, e dentro do contexto da Doutrina de Segurança Nacional (DSN), serviram à repressão e ao combate do chamado “inimigo interno”. (LOPES, 2022)

Paralelamente, a Operação Condor, um “pacto repressivo de caráter internacional firmado em 1975 na capital chilena” (LOPES, 2022) se instalava. As ditaduras foram integradas pela espionagem nos países Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai. Ainda conforme o autor, “a Condor foi um acordo entre os países do Cone Sul, criado para perseguir e punir pessoas que demonstrassem qualquer comportamento de oposição a estas ditaduras” (LOPES, 2022). Após essa integração, a população começou a sofrer ainda mais com a tortura do corpo físico, as prisões e mortes que aconteciam nas ditaduras dos países da América Latina.

Segundo outro autor que contribui para o assunto, “um dos principais alvos no jogo político da ditadura é o corpo, seja na estrutura física ou na elaboração social simbólica” (PÁDUA, 2009, p. 32). Esse corpo tende a sofrer um disciplinamento a partir do Outro², e isso acontece a partir da tortura e do medo, sinais claros das marcas da ditadura. Ainda conforme o mesmo autor, “na experiência latino-americana da autora Diamela Eltit, a ditadura tornou-se o alvo principal das discussões sobre poder, sociedade e política” (p. 32).

Na contemporaneidade, segundo Pádua (2009), o corpo físico não é mais o alvo principal da repressão, mas esse poder se manifesta no corpo social de maneira a calar o oprimido. A partir do momento que isso acontece no corpo social, as marcas deixadas são mais difíceis de serem percebidas, criando a impunidade daquele que fere. É, dessa forma, admitida que a literatura seja palco para denunciar essas ações, conscientizando seu leitor das maneiras de opressões contemporâneas.

Após o fim das ditaduras, os países demoraram até integralizar os direitos das pessoas, e até hoje lutam contra as marcas deixadas por esses períodos. Artistas, a exemplo, encontraram maneiras de resistir aos ataques e revelar parte da história dos oprimidos a partir de suas obras. Pinturas, instalações, literatura, entre tantas outras expressões foram e são utilizadas para falar sobre o que foi vivido por essa população que marginalizada.

A margem da sociedade foi, por muito tempo, invisibilizada nos mais diversos meios, mas a partir dos Estudos Culturais foi possível abrir espaço para essas histórias serem contadas. Dessa forma, é possível conhecer o outro lado da história, dando voz a essa parte da população para que novas histórias sejam construídas.

Diamela Eltit e a escrita sobre minorias

Diamela Eltit, escritora Chilena que atuou fortemente contra ditadura de Pinochet, possui uma vasta obra ainda pouco conhecida no Brasil. Seu primeiro romance, *Lumpérica* (1983), foi escrito e publicado no período ditatorial chileno, e, além disso, outros textos foram escritos

² Aqui, utilizamos Outro com a primeira letra maiúscula para identificar o sujeito que detém o poder na sociedade.

nesse tempo. A autora faz parte do que é chamado “*escena de avanzada*”, que é um conjunto de obras e artistas que escreveram durante e pós ditadura chilena, se opondo à opressão de Pinochet, como forma de resistência. Os artistas chilenos, por meio desse movimento, contextualizaram as práticas tradicionais, linguagens e gêneros de arte.

Em 1973, após o Golpe Militar, Diamela permaneceu no Chile e começou a publicar seus primeiros manuscritos. Em 1979, juntamente com o poeta Raúl Zurita, os artistas visuais Lotty Rosenfeld e Juan Castillo e o sociólogo Fernando Balcells, Eltit participa da criação do CADA - Coletivo de Ações de Arte - que reformulou a arte durante a ditadura de Pinochet. As ações do coletivo foram bastante influentes na escrita de seu primeiro romance.

Segundo Pádua (2016), *Lumpérica* (1983) é uma junção de *lumpen* (marginal) e América e “é um conjunto de ações artísticas assimilado pela representação literária de Diamela Eltit na desestruturação de um contexto de ditadura militar” (PÁDUA, 2016, p. 802). Em *Lumpérica* (1983), temos uma narrativa não linear e cheia de experimentações, perpassando a literatura, a fotografia, o cinema e outras artes.

Diamela continua publicando até os dias atuais. Em 1986, publicou *Por la patria*, romance; em 1988, *El cuarto mundo*, romance; Em 1989, *El padre mío*, livro de testemunhos; em 1991, *Vaca Sagrada*, romance; em 1993, o ensaio *Elena Caffarena: el derecho a voz, el derecho o voto*; o livro documental em 1994, com fotos de Paz Errázuriz, *O infarto da alma*, e nesse mesmo ano o ensaio *Crônica do sufrágio feminino no Chile*; em 1998, o romance *Os trabalhadores da morte*; Em 2000, *Emergências*; Em 2002, *Mano de obra*; em 2005, *Puño y letra*, sobre Carlos Prats; O romance *Los vigilantes* em 2005; em 2007, o romance *Jamais o fogo nunca*; *O ensaio sobre literatura, arte e política* em 2007; em 2009, *Colonizadas, relato na antologia Excessos del cuerpo*, uma ficção sobre contágio e doença na América Latina; em 2010, o romance *Impuesto a la carne*; em 2012, *Antologia pessoal*; em 2013, *Forças Especiais*; em 2016 publicou *Réplicas*, escritos sobre literatura, arte e política; e por fim, *Sumar*, romance publicado em 2018.

A escrita de Diamela perpassa, entre outras características, a escrita performática, o caráter político, a escrita de testemunho e a vigilância, temas presentes em sua obra. Para Lértora, que escreve uma antologia pioneira sobre Eltit, “há nesta narrativa uma opção consciente de se aventurar em personagens e situações humanas marcadas pela precariedade, marginalidade, orfandade existencial (...)” (LÉRTORA, 1993, p. 12, tradução nossa).³

Segundo Pedron (2006, p. 77):

Em toda produção de Eltit, é perceptível a utilização de procedimentos narrativos bastante diferenciados, desde o testemunho transcrito em *El Padre Mío*, passando pelas cartas em *Los vigilantes*, até o roteiro de cenas a serem filmadas, as poesias e reflexões metalingüísticas, de *Lumpérica*. (PEDRON, 2006, p. 77)

³ *Do original* “hay en esta narrativa una consciente opción por incursionar en personajes y situaciones humanas signadas por la precariedad, la marginalidad, la orfandad existencial (...)” (LÉRTORA, 1993, p.12)

Podemos também entender que “os componentes do mundo narrativo na escrita de Diamela Eltit apresentam características de marginalidade, de precariedade”⁴ (LÉRTORA, 1993, p. 27, *tradução nossa*), mas esses componentes não fazem da literatura de Diamela uma literatura marginal, e sim uma *literatura menor*, característica de que tem algo a dizer que não foi dito antes, que explicaremos adiante. Além disso, o autor ainda diz que “A primeira característica da literatura menor é que ela se caracteriza por uma desterritorialização, por um deslocamento, em relação à língua maior” (p. 28, *tradução nossa*)⁵ Ela apropria-se das práticas discursivas dominantes (Lértora, 1993) para criar provocações e questionamentos em uma narrativa com personagens marginalizados pela sociedade. Desse modo, a obra de Diamela se insere no mundo literário como uma literatura menor, utilizando do espanhol para escrever, possuindo características de tal e trabalhando com esses personagens que estão à margem para denunciar imposições e assédios que a sociedade traz. Esse é o caso de vários outros escritores, inclusive as literaturas de autoria feminina e autores homossexuais.

Literatura menor: desterritorialização e visibilidade

A escrita de Diamela pode ser lida como uma experiência de literatura menor, pois “uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior” (DELEUZE & GUATTARI, 1975, p. 25), caracterizada por uma desterritorialização da literatura e por elementos como a escrita sobre minorias, a utilização da língua de colonizadores para a denúncia dessa prática etc. Além disso, para os autores, outra característica das literaturas menores “é que nelas tudo é político” (p. 26). Sendo assim, podemos definir três elementos caracterizadores das literaturas menores: a desterritorialização da língua; o tom político; e a coletividade como tema, ao invés da individualidade das situações. Tudo nelas é político, tudo é coletivo e a desterritorialização da língua é imprescindível.

A literatura menor possui aspectos da cultura popular, utilizando da língua do colonizador, a língua maior, para trabalhar um tema menor, ou seja, um termo marginalizado. A partir do momento que Diamela utiliza de personagens marginalizados com vivências que também são características de populações marginalizadas, e contar a história de outro ponto de vista, sua literatura pode ser classificada como menor. Além disso, ela é produzida por uma escritora mulher e latino-americana. Se formos olhar a hegemonia que perpassa a literatura, há alguns anos esses textos não seriam considerados literatura.

A literatura Eltitiana se mostra como uma literatura menor quando analisamos sua narrativa e seus personagens. Como exemplo, em *Forças Especiais* (2021) temos a protagonista que vem de uma família pobre, e, para ajudar no sustento da casa, é submetida a trabalhar como prostituta, um trabalho precarizado e ilegal para menores de idade no Chile. Ainda nesse texto, essa protagonista representa o coletivo, esse grupo minorizado de mulheres que precisam se submeter a papéis marginalizados em sociedade.

⁴ *Do original* “los componentes del mundo narrativo en la escritura de Diamela Eltit presentan características de marginalidad, de precariedad”. (LÉRTORA, p. 27).

⁵ *Do original* “El primer rasgo de la literatura menor es el de caracterizarse por una desterritorialización, por un desplazamiento, en relación al lenguaje mayor.” (LÉRTORA, 1993, P. 28).

Além disso, o cenário em que se passa a história de *Forças Especiais* (2021) é um território marginalizado, sitiado pela polícia, em que a violência virou cotidiana. Em entrevista para a Relicário em 8 de julho de 2021, numa conversa com Julián Fuks, tradutor da obra para o português brasileiro, a autora comenta que os conjuntos de blocos habitacionais do Chile estão situados nas periferias, e, de certa forma, podem ser comparados às favelas do Rio de Janeiro. Essa comparação nos ajuda a ter uma visão de como as relações se constroem nesses conjuntos e como a ação da polícia é constante e violenta.

Segundo Lértora (1993), os escritores da literatura menor encontram uma forma diferente de dizer, mas mais do que isso, a forma diferente. Lértora ainda traz uma fala da própria Diamela, na qual diz que para o escritor que abordar os mesmos temas (já abordados em outros romances) dentro da literatura depende muito da diferenciação para falar sobre esse tema, e dessa forma, sempre será um desafio. Essa literatura é representativa, representa o menor em uma língua maior. Para o autor:

A escrita como espaço de abertura e ruptura, de signos em constante deslocamento; no fundo, uma escrita *de exílio*, e que encontra a sua expressão mais assumida na escrita de mulheres, para quem “tudo passa pelas fronteiras do corpo e talvez da espécie, uma mulher sente-se sempre exilada nas generalidades que compõem a medida comum de consenso social, bem como em relação ao poder de generalização da linguagem. (LÉRTORA, 1993, p. 30, tradução nossa)⁶

Dessa forma, Lértora traz a questão da literatura como ab-rogação das normas de escrita conforme ditava o cânone; para essas mulheres, principalmente as que escrevem literatura menor, que utilizam da linguagem, que carrega consigo tanto poder, para justamente falar desses que detêm esse poder. Diamela trabalha exatamente dessa forma, com sua escrita carregada de signos e memórias.

Ainda, lembrando que, pela ênfase dada pelos teóricos Deleuze & Guattari, na literatura menor tudo é coletivo, é possível analisar a protagonista de *Forças Especiais* (2021) a partir desse viés. Além de ser uma personagem ordinária, ela não possui nome, o que podemos ler como descaracterização dessa mulher para torná-la a representação de um ou mais grupos, uma ou mais identidades: ela representa mulheres pobres que se submetem à prostituição como estilo de vida.

Corpo-denúncia: a marginalização da carne

É possível, nesse contexto de literatura menor, falar sobre a importância do corpo nos romances de Eltit, que carregam marcas da violência que acontece por conta da marginalização desses grupos. Conforme podemos ver:

⁶Do original escritura como espacio de abertura y de ruptura, de signos en constante desplazamiento; básicamente, una escritura de exilio, y que encuentra su expresión más asumida en la escritura de la mujer, para quien “todo pasa por las fronteras del cuerpo y quizá de la especie, una mujer se siente siempre en exilio en las generalidades que hacen la medida común del consenso social, al mismo tiempo que en relación al poder de generalización del lenguaje.

No romance *Jamais o fogo nunca*, Eltit evidencia a centralidade do corpo como uma espécie de lócus poético e narrativo a partir do qual se descortinam os acontecimentos cotidianos em uma temporalidade híbrida de passado e presente. É desse modo que, aos poucos, o corpo afirma-se na qualidade de uma testemunha dos acontecimentos e da vida vividos no cotidiano da personagem principal. (BIONDI; DAFFERNER, 2020, p. 9)

São esses corpos, frequentemente das protagonistas, que evidenciam o sofrimento e a precariedade das mulheres na sociedade ditatorial ou pós-ditatorial. É a partir desses corpos, de seus pensamentos e memórias, de suas falas e ações que conhecemos a realidade dos outros personagens e temos acesso à narrativa de Diamela. Segundo Carvalho (2020), em *Jamais o fogo nunca* existem duas formas de compreender a história que necessitam do corpo da personagem em conflito para materializar as ideias.

Além disso, nos outros romances o corpo da mulher desenvolve papel importante como forma de resistência. É com ele que as mulheres protagonistas dos romances de Diamela acumulam conhecimento e utilizam-se desse para ir contra a opressão sofrida na história. Em *Forças Especiais*, a protagonista se vê submetida a utilizar do próprio do corpo físico para trabalhar como prostituta, ao mesmo tempo que é esse corpo social que resiste diariamente à opressão policial, ao assédio sexual e aos sofrimentos da família.

Outra marca nesse corpo que podemos observar na narrativa de *Forças Especiais* é a desvalorização enquanto corpo feminino. Por ser mulher, a protagonista evidencia que recebe menos que seus amigos para prostituir-se, “Omar é envolvente, duplo, dramático, ávido de modernidade (...). Recebe até cinco mil, é o que ele garante (...). Eu recebo mil porque sou mulher” (ELTIT, 2021, p. 10). Essa marcação de diferença entre corpo feminino e masculino e sua valorização também é um ponto importante quando pensamos a obra de Eltit, pois a mulher sempre está um degrau abaixo que o homem em sociedade, e a autora traz isso para os romances. O capitalismo em nossa sociedade separa a mulher do homem a partir do seu *valor*.

O corpo aqui aparece também como metáfora para o contexto social e histórico em que vive. Marginalizado, relegado a trabalhos informais e constantemente com medo, representam a população pobre do país que vive isso diariamente mesmo no contexto pós ditadura. Podemos dizer que Diamela conta o outro lado da história, dos historicamente silenciados, e utiliza do corpo desses personagens para dar voz a esse lado.

Além de todas essas características, Lértora (1993) traz que a narrativa de Diamela quebra com a questão da família nuclear - mãe, pai e filho - e nos mostra famílias em variadas configurações, como mãe e filha, casais sem filhos, mãe e filho, entre outros. Dessa forma, as hierarquias são redesenhadas, pois a “triangulação edípica” é inexistente, e uma reconfiguração das subordinações deve acontecer, e isso é caráter também de nossa sociedade, pois “em nossa sociedade, a opressão sexista perverte e distorce a função positiva da família” (hooks, 2019, p. 71). A partir disso, as identidades dos personagens são quebradas, questionando o sistema hegemônico e colocando outras personagens no local de figuras centrais.

Temos como exemplo a família bastante despedaçada de *Forças Especiais* (2021), composta por um pai que já não possui mais voz e se encontra humilhado, não sendo o provedor da família, sem os filhos homens que estão presos, uma mãe e duas irmãs, ambas destruídas pela perda dos filhos que foram levados pela polícia.

Em *Forças Especiais* (2021), temos uma construção crítica da identidade da mulher pobre latino-americana. Apesar da protagonista estar sob a regra patriarcal da sociedade, ela subverte a situação com estratégias no dia a dia.

Como conseguir mais dinheiro na minha meia hora no cubículo. Estou com a calcinha abaixada, me mexendo em cima do pau, sentada em cima do pau, crucificada por dentro, de costas para o homem, enquanto minha mente não me dá trégua agora que tento pular do jeito mais convincente possível para encaixar com as investidas do pau. Olho fixamente na tela a imagem de uma borboleta enorme que consagra como inseto, mas também a enfraquece porque seu amarelo é volúvel, um amarelo que vai e vem pelo bater das asas, um amarelo que se desdobra e se redobra e não chega a se fixar. Já faz dez minutos que estou me mexendo em cima do pau. Só vou fazer por mais cinco minutos porque tudo tem um limite na vida. (ELTIT, 2021, p. 87)

Aqui, podemos interpretar a borboleta como um ponto de fuga para a narradora. Ela utiliza de imagens na tela do computador para se distrair da dor do trabalho como prostituta, não somente a dor física, mas também a dor emocional do trabalho marginalizado que tem.

Com uma urgência literal meço o tempo pois já se passaram mais de dez minutos, quase onze, olhando a borboleta que bate as asas com a mesma intensidade que as pontadas de dor que eu sinto enquanto enterro em mim o pau. A borboleta foi só uma técnica que eu quis botar em prática. Tirei de um site de cura que garantia que a dor não era exatamente real. Dizia que a dor não existia em si mesma, mas que fazia parte da imaginação humana e requeria um esforço mental para afugentá-la. Só era necessário, afirmava o site, algo específico que trocasse o foco destrutivo por um elemento poderoso que permitisse esquivá-la. Um elemento exato; uma imagem, uma lembrança, um cheiro que fosse capaz de trazer novas sensações que neutralizassem o mal-estar. O site me pareceu sincero, completamente possível, e acreditei. Por isso pus na tela a borboleta. Foi uma imagem que me pareceu anestésica pelo constante bater das asas. Pensei que, se me tornasse uma com as asas, poderia evitar a mim mesma, fugir, sair de mim e me deixar de fora com toda a dor das cravadas do pau. (ELTIT, 2021, p. 88-89)

Ela conta que aprendeu essa técnica em um site, que falava que se você focasse sua mente em algum elemento, não precisaria sentir a situação ocorrendo na vida real. Vemos assim que seu corpo está tão fragilizado pelo estilo de vida que ela leva que sua mente já não procura estratégias para mudar o dia a dia, mas sim para amenizar os efeitos que ele lhe causa. Adiante, nos é revelado que todo esse sofrimento é pelo dinheiro, para que no futuro, quando os entes da família voltarem, ela possa dar uma recepção adequada a eles.

Decidi então que não mencionaria mais os meninos. Quealaria ou deixaria de falar, mas que nunca permitiria que os meninos voltassem sem que eu estivesse preparada, e para isso tinha que guardar mil pesos a cada dia. Decidi também que tudo valia mil pesos, minha dor, o pau valia mil, Lucho mil, Omar mil e eu valia mil pesos. Doze minutos de dor. (ELTIT, 2021, p. 90-91).

O contexto em que o corpo da mulher é inserido na sociedade latino-americana é um local que o deixa na subalternidade. Para Spivak, o sujeito feminino é subalterno e existe muito mais na obscuridade que o sujeito masculino:

No contexto do itinerário obliterado do sujeito subalterno, o caminho da diferença sexual é duplamente obliterado. A questão não é a da participação feminina na insurgência ou das regras básicas da divisão sexual do trabalho, pois, em ambos os casos, há “evidência”. É mais uma questão de que, apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos de insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade. (SPIVAK, 2010, p. 85).

Personagens ordinários, corpos ordinários

Diamela também utiliza de *personagens ordinários* para uma análise de conjuntura sobre poder, patriarcalismo, feminismo e outros temas dentro de sua obra. Em alguns romances, esses protagonistas não possuem nomes, relegando-os ao papel de interlocutor da história, de identidade bastante fragmentada. Como exemplo, temos a protagonista de *Forças Especiais* (2021), que mesmo sem nome nos leva por um percurso cru e difícil pelos blocos habitacionais de Santiago no Chile. Pela sua narrativa, temos conhecimento do cotidiano dos moradores desses blocos, da violência policial e das dificuldades pelas quais passam esses moradores.

Trazer a “pessoa/personagem ordinária” para o centro da narrativa possibilita “a celebridade do homem comum em sua ordinariedade habitual” (VASCONCELLOS, ZANETTI, 2017, p. 1) ressignificando seu papel na sociedade, que, no geral, se esvaziava “de toda a substancialidade da vida cotidiana de acordo com os interesses das indústrias” (p. 2). Nosso cotidiano, há muito, foi colonizado a ponto do tempo e emoções tornarem-se esvaziados. O processo de trazer a coletividade da ordinariedade dessas pessoas/personagens foca na vivência para seja possível emergir significados nas ações produzidas por esses. Além disso, Segundo Berger e Luckmann (1991), a linguagem é fundamental para organizar a vida cotidiana e é a partir da linguagem que a ideologia dominante age.

Em *Los Vigilantes* (1994), a autora também utiliza de *personagens ordinários* para “analisar de discursos do poder e denunciar a perversa situação estabelecida pelo capitalismo, especialmente nos países da América Latina” (PÁDUA, 2016, p. 794). Ela utiliza de “corpos precários em estado limite para construir narrativas paralelas ao contexto social de marginalização” (p. 798). Outro exemplo desse modelo de personagem pode ser encontrado em *Impuesto a la carne* (2010), no qual temos uma mãe e uma filha, que têm uma existência precária em um hospital (PERETI, WEINHARDT, 2012). Para os autores, ainda:

Impuesto a la carne é uma recuperação alegórica dessa trágica história pós-colonial latino-americana, aqui resumida à experiência chilena. Ao longo do texto, são recorrentes as alegorizações de vários episódios da história do

país. Essas imagens, em sua força poética enquanto alegoria, em sua sempre transitória e dialética expressividade, permitem uma leitura antifundacional da história a partir do fragmento, das reminiscências, dos lampejos de memória, das repetições insistentes e do próprio silêncio que suscitam. (PERETI, WEINHARDT, 2012, p. 37).

Considerações finais

A partir da pesquisa realizada sobre os temas aqui discutidos, é possível classificar a escrita de Diamela como uma literatura menor. Os marcadores encontrados em sua literatura, como os personagens ordinários, os temas relacionados à população historicamente marginalizada, o corpo como espaço de denúncia, a desterritorialização da língua e o coletivo sobre o individual, tornam sua escrita um lugar de denúncia.

Concluimos que estudar autoras de literatura menor se faz imprescindível para colaborar com a sociedade em que vivemos. A partir do momento em que abrimos espaço para que essa literatura seja pesquisada, contribuimos para que o tema seja divulgado no meio acadêmico.

Ainda, parafraseando Antônio Cândido, entendemos que a literatura tem a função de humanizar o sujeito, sendo assim, a literatura menor, ao abordar temas como pobreza, racismo, machismo, entre outros, favorece que esses temas sejam discutidos e ajudem na formação do sujeito leitor.

As chamadas literaturas menores não são textos menos importantes, mas sim textos que trabalhem maiorias minorizadas que por muito tempo estiveram fora dos holofotes da literatura. Esses textos tratam de sujeitos marginalizados a fim de ajudar a escrever o outro lado da história, contribuindo assim para a História em geral, para que o outro também seja ouvido.

Referências

- BATALHA, M. C.. O que é uma literatura menor?. **Revista Cerrados** (Brasília. Online), v. 22, p. 115-134, 2013.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BIONDI, Angie; DAFFERNER, S. **O corpo como testemunha: políticas da escritura feminina em Diamela Eltit**. REVISTA DECIFRAR, v. 8, p. 07-17, 2020.
- DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Imago Editora: Rio de Janeiro, 1975.
- ELTIT, D. **Forças especiais**. Trad. Julián Fuks. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

ESCOSTEGUY, A. C. D.. Os estudos culturais. In: Hohlfeldt, A; Martino, L; França, V. (Org.). **Teorias da comunicação- conceitos, escolas e tendências**. 6ed.Petrópolis: VOzes, 2006, v. , p. 151-170.

Hooks, B. **Teoria Feminista: da margem ao centro**. Trad. Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

PÁDUA, J. J. A. **O corpo-escrita de Diamela Eltit: feridas e dilemas contemporâneos**. Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades, Brasília, n. 6, o. 792-809, 2016.

LÉRTORA, J. C. **Una poética de literatura menor: la narrativa de Diamela Eltit**. Santiago: Para Textos/Editorial Cuarto Propio, 1993.

LOPES, E. N. **Operação Condor e ditaduras na América Latina: entenda**. in politize.com.br. Acesso em: 08 de jun. de 2023. Disponível em: <https://www.politize.com.br/operacao-condor/>

PEDRON, D. A. In: **Um olhar sobre a performatividade na cultura contemporânea: a performance como conceito e a produção artística de Diamela Eltit**. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ALDR>.

PERETI, E.; WEINHARDT, M. **O testemunho da carne: um pequeno tratado sobre a alegoria em uma obra de Diamela Eltit**. Revista Letras, Curitiba, n. 86, p; 27-46, jul/dez. Editora UFPR, 2012.

SPIVAK, G. C. **Pode o Subalterno falar?**. Trad. Sandra Regina Goulart. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VASCONCELLOS, A. M., ZANETTI, D. **(Web)celebridade: sujeito ordinário e a narrativa cotidiana sob holofotes**. in Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação. Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF, Vol.11, 2017. 1-16